

MULHERES NEGRAS: Uma desconstrução ideológica¹

BLACK WOMEN: An ideological deconstruction

Ananda Isis Barreto Lemos²

<https://orcid.org/0000-0001-9179-5360>

Alessandra Santos Moreno³

<https://orcid.org/0000-0001-6663-1073>

Eliana Souza Santos⁴

<https://orcid.org/0000-0002-9753-3502>

Lorrainy Reis Brito⁵

<https://orcid.org/0000-0003-3348-0453>

Norma Paula⁶

Gildete Paulo Rocha⁷

<https://orcid.org/0000-0003-3565-7523>

RESUMO

O presente artigo objetiva analisar as representações das mulheres negras contidas nos textos “Essa Negra Fulô” de Jorge de Lima, “Outra Nega Fulô”, poema reescrito por Oliveira Silveira e “Mulheres Negras”, interpretada pela cantora Yzalú. Entendendo o posicionamento da mulher negra representada em cada poema, sendo que no primeiro ela é tida como objeto, pois a linguagem e o teor ideológico são voltados para o movimento modernista, já no segundo poema ela é retratada como sujeito, apropriando-se da libertação da voz dos negros, que, anteriormente, era deslegitimada, podendo hoje expor seus pensamentos como sujeito ativo da contemporaneidade. Com base no contexto histórico de cada um, foi possível associá-los com a música, observando como a luta é constante nos dias atuais, incentivando, assim, a desconstrução do discurso discriminatório sobre a mulher negra. Os discursos utilizados para expor as mulheres negras nestes objetos indicam supostamente a necessidade de que outros falem por elas e, a partir da ascensão dos movimentos negros no Brasil, passam a ter sua própria voz na literatura afro-brasileira. Tendo como arcabouço teórico os livros: “Literatura e

¹ Pesquisa desenvolvida no âmbito da disciplina Literatura e Cultura Afro-Brasileira, apresentada no Seminário Interdisciplinar de Pesquisa III, semestre 2018.2.

² Discente do Curso de Letras Vernáculas, Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias, Campus XVIII, Eunápolis, UNEB. E-mail: anandais3@gmail.com.

³ Discente do Curso de Letras Vernáculas, Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias, Campus XVIII, Eunápolis, UNEB. E-mail: alessandramoreno08@gmail.com.

⁴ Discente do Curso de Letras Vernáculas, Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias, Campus XVIII, Eunápolis, UNEB. E-mail: eliana81349594@gmail.com.

⁵ Discente do Curso de Letras Vernáculas, Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias, Campus XVIII, Eunápolis, UNEB. E-mail: lorrainy.britto@outlook.com.

⁶ Discente do Curso de Letras Vernáculas, Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias, Campus XVIII, Eunápolis, UNEB. E-mail: paulamoda2013@gmail.com.

⁷ Mestra em Letras (UESC). Professora do Colegiado de Letras, Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias, Campus XVIII, Eunápolis, UNEB. E-mail: gildeteba73@oi.com.br.

afrodescendência no Brasil: antologia crítica” (2011), de Eduardo de Assis Duarte e “Crítica sem juízo” (1993) de Luiza Lobo.

PALAVRAS-CHAVE: Intencionalidade. Representação. Mulheres negras.

ABSTRACT

This article aims to analyze the representations of black women contained in the texts “Essa Negra Fulô” by Jorge de Lima, “Another Nega Fulô” poem rewritten by Oliveira Silveira and “Mulheres Negras”, performed by the singer Yzalú. Understanding the position of the black woman represented in each poem, in the first she is taken as an object, since the language and ideological content are turned to the modernist movement, in the second poem she is portrayed as a subject, appropriating liberation from the voice of blacks, who were previously delegitimized and can now expose their thoughts as an active subject of contemporary times. Based on the historical context of each one, it was possible to associate them with music, observing how the struggle is constant nowadays, thus encouraging the deconstruction of the discriminatory discourse on black women. The speeches used to expose black women to these objects supposedly indicate the need for others to speak for them and, from the rise of black movements in Brazil, they have their own voice in Afro-Brazilian literature. Having as theoretical framework the books: “Literature and Afro-descendants in Brazil: critical anthology” (2011), by Eduardo de Assis Duarte and “Criticism without judgment” (1993) by Luiza Lobo.

KEYWORDS: Intentionality. Representation. Black women.

1. INTRODUÇÃO

Na literatura negra, a imagem do negro é utilizada para a autoconscientização, reconhecimento, valorização social e enaltecimento da sua estética, com a finalidade de alcançar um olhar valorativo em relação ao negro e reverter as associações que os ligam a um conceito de subalternidade, essas obras literárias constroem um campo semântico que esvazie os significados negativos gravados no corpo negro e nos lugares por onde ele é levado a circular. Em busca de uma desconstrução ideológica, o presente artigo objetiva analisar a representação da mulher negra contida nos textos “Essa Negra Fulô”, publicado no livro “Poesias completas”, no ano de 1974, de Jorge de Lima, “Outra Nega Fulô”, poema publicado no livro “Cadernos negros” em 1978, reescrito por Oliveira Silveira e a letra da música “Mulheres Negras” (2012), composição do rapper Eduardo Taddeo, interpretada pela cantora Luiza Yara Lopes Silva, mais conhecida por Yzalú.

Na primeira narrativa analisada, o discurso utilizado para expor a mulher negra evidencia o silenciamento e a deslegitimação do sujeito ali existente, supondo a necessidade de que outros falem por elas, mas, na verdade, não houve situações em que pudessem se expressar. A mulher negra é classificada como objeto, a linguagem, marcações sociais e o teor ideológico são voltados para o movimento modernista, que se baseia na ideia de ruptura com a velha forma de se vê o mundo. Na segunda narrativa, ela é retratada como sujeito, apropriando-se do fato de estar sendo narrada e descrita por um autor negro que compartilha das mesmas vivências e pela ação de pertencimento com base na etnicidade de ambos, em um ano em que o Movimento Negro Unificado foi criado em busca de igualdade social e de representatividade, movimento este de resistência e reconstrução da identidade negra, que a partir da sua insistência, produziu avanços no âmbito educacional que possibilitaram o acesso desses indivíduos à espaços de supremacia na sociedade. Como exemplo, a demarcação de terras quilombolas e o ingresso de negros no espaço acadêmico.

Com base no contexto histórico de cada um, foi possível associá-los com a letra da música a ser analisada, tomando como base a luta constante contra o racismo, genocídio e o machismo, incentivando assim a desconstrução dos discursos de ódio lançados sobre os negros, e principalmente, sobre as mulheres negras. Esta música evidencia a realidade das mulheres negras no Brasil e se tornou um símbolo do feminismo negro no país. Os discursos utilizados para expor a luta das mulheres negras nestes objetos indicam uma suposta necessidade de que outros falem por elas, pois as mulheres eram lidas como incapazes de se auto-descreverem. O abismo histórico de desigualdade intelectual, cultural e racial, só começou a ser desconstruído a partir da ascensão dos movimentos negros no Brasil, e assim passaram a ter sua própria voz.

A problemática desta pesquisa se contempla em observar como as mulheres negras estão sendo representadas, e, caso existam estereótipos, quais estão presentes nas três obras aqui analisadas. Sendo assim, analisaremos os escritos ligados diretamente à imagem da mulher negra, seu contexto histórico e ideológico e ressaltaremos a importância da desconstrução de tais discursos que ferem a condição feminina e sua etnia.

Este artigo vale-se da pesquisa com caráter qualitativo e se sustenta na perspectiva de análise bibliográfica e de conteúdo, sendo construída por três pilares. Primeiramente, analisaremos o poema “Essa Negra Fulô” (1947), de Jorge de Lima, cuja linguagem, marcações sociais e o teor ideológico são voltados para o movimento modernista; posteriormente, propomos ponderar sobre o poema “Outra Nega Fulô” (1978), reescrito por Oliveira Silveira. Para finalizarmos, pontuaremos a respeito da música “Mulheres Negras”, interpretada por Yzalú e suas respectivas análises. Tendo como aporte teórico Eduardo de Assis Duarte (2011) e Luiza Lobo (1993).

A linguagem é um dos maiores vínculos de disseminação de conteúdo e ideologias e é por meio dos textos verbais e não verbais que tais manifestações são difundidas. Cabe ainda destacar que a linguagem tem um grande potencial influenciador e, por esse motivo, é necessário desconstruir qualquer barreira que tenha sido criada para deslegitimar o espaço da mulher negra e seu devido valor. Deste modo, buscamos aqui contribuir para a discussão acerca dos estereótipos que são designados as mulheres negras, que, por muitas vezes, passam despercebidos.

Este trabalho utiliza, enquanto método, da pesquisa qualitativa, pois “[...] é de particular relevância ao estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas da vida” (FLICK, 2009, p.20), a qual consiste:

[...] na escolha adequada de métodos e teorias convenientes; no reconhecimento e na análise de diferentes perspectivas; nas reflexões de seus pesquisadores a respeito de suas pesquisas como parte do processo de produção de conhecimento [...] (FLICK, 2009, p.23).

E, com o propósito de fornecer uma fundamentação teórica propícia ao assunto abordado, nos detemos de materiais já publicados, apropriamo-nos da pesquisa bibliográfica, que, segundo Gil (2010), tem como objetivo “[...] a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente” (GIL, 2010, p. 30).

As buscas realizadas têm como referência o movimento literário negro norte-americano, que produziram literaturas, valorizando os princípios estéticos atribuídos aos negros de maneira contundente, impulsionando os movimentos

no Brasil a buscarem uma identidade negra, com intuito de contrapor essas ideologias de fundo basicamente branco. Uma das formas que os poetas afro-brasileiros conquistaram em sua luta foi a reescrita de alguns poemas, que tem como objeto o negro, descrito por autores brancos. Essas ressignificações foram publicadas nos chamados “Cadernos Negros” (1978), cadernos estes compostos também de textos escritos por autores negros que buscam a apreciação de afrodescendentes brasileiros, imagem essa que passa a ser reiterada no que concerne à literatura negra.

Por conseguinte, faremos, por meio de análise conteúdo, relações de acordo com as características dos poemas. O primeiro poema a ser analisado é “Essa negra Fulô”, de Jorge de Lima, que proporciona um conhecimento sobre uma representação da mulher negra no contexto do movimento literário modernista. Já no outro poema, “A outra Nega Fulô”, Oliveira Silveira traz uma reescrita do poema de Jorge de Lima, “Essa negra Fulô”, com questionamentos que vêm a dar os primeiros passos para a construção e valorização literária das mulheres negras. E, não menos importante, também traremos a letra da música “Mulheres Negras”, interpretada pela cantora Luiza Yara Lopes Silva, mais conhecida por Yzalú, a qual representa o cotidiano de mulheres que travam batalhas diárias contra os estereótipos, ocasionados pela ideologia eurocêntrica internalizada no contexto brasileiro, traçando um percurso do ontem e do hoje, e como é importante continuar lutando e conquistando cada vez mais espaços, para que as vozes de várias mulheres negras sejam libertadas historicamente. Em seguida, passaremos para as análises, começando pelo poema “Essa Negra Fulô”, de Jorge de Lima.

2. “ESSA NEGRA FULÔ” – JORGE DE LIMA

Jorge Mateus de Lima (1893-1953), conhecido pela literatura como “Príncipe dos poetas”, além de artista plástico, ensaísta, médico, político e poeta, filho de um rico comerciante e senhor de engenho de antiga linhagem local em Alagoas. Suas obras se caracterizam pelas diversidades de gêneros, temas, formas e estilo, o que justifica a divisão de sua poesia em fases: a parnasiana, a

regional ou afro-nordestina, de assuntos relacionados à igreja católica órfica e linguagem hermética.

O poema “Essa negra Fulô”⁸ faz parte do livro “Poesias completas”, lançado em 1947. Nele fica explícita a linguagem coloquial e modernista, significativa na história da cultura brasileira, sobretudo no campo da literatura e das artes plásticas. O autor aborda a história do negro no Brasil, as condições existenciais dos escravos, e como eles eram idealizados como objeto. Uma produção literária direcionada à realidade cultural e histórica dos afrodescendentes, neste poema a mulher negra é representada numa visão modernista e estereotipada, servindo como escrava e objeto sexual.

Ao iniciar o poema, o eu – lírico começa como os contadores de história padrões daquele tempo, utilizando os seguintes termos: “*Ora, se deu que chegou/ (isso já faz muito tempo) / no bangüê dum meu avô / uma negra bonitinha / chamada negra Fulô*”. Numa linguagem ritmada, ele anuncia a chegada de Fulô. A forma de iniciar seu texto remete a outras narrativas populares que têm como início “Era uma vez...”, “Certo dia...”, “Um dia...”, evidenciando assim a presença marcante da oralidade e de uma construção histórica.

Na estrofe posterior, são evidentes as práticas escravocratas, a mulher negra é tratada como serviçal, pronta para exercer os trabalhos domésticos solicitados por sua Sinhá, bem como: forrar a cama, pentear o cabelo e até mesmo tirar as suas roupas: “*Ó Fulô! Ó Fulô! (Era a fala da Sinhá) / - Vai forrar a cama, / pentear os meus cabelos, vem ajudar a tirar / a minha roupa, Fulô!*”, o absolutismo e exploração desfredda em relação à Fulô é estarrecedor, sua função era de subserviência, atuando dentro da casa, sob as ordens principalmente da sinhá, nas quais é perceptível a tonalidade da voz, ficando clara a relação de detenção de poder e advertência quando se dirigia a Fulô.

Por ter que se manter próxima da patroa, Fulô a todo o momento recebia ordens para fazer coisas mínimas, tais como: “*vem coçar minha coceira / vem-me catar cafuné / vem balançar minha rede / vem me contar uma história / que eu estou com sono, Fulô!*”. Obedecendo-a, Fulô conta histórias para a Sinhá dormir, “*Entrou na perna dum pato saiu na perna dum pinto o Rei-Sinhô me*

⁸ Poema em anexo. LIMA, Jorge. Poesia Completa. Rio de Janeiro: Nova Aguiar, 1997.

mandou que vos contasse mais cinco”, apropriando-se de parlendas da época que eram utilizadas para caracterizar o fato de contar histórias oralmente, tornando-se um desafio para o próximo contador, dando a entender que se tratava de lembranças de Fulô, pois era de costume dos seus ancestrais o ato de contar histórias, além de ser uma das principais características da parlenda “facilitar” a memorização e divertir os envolvidos no ato de contar histórias.

No decorrer das estrofes supracitadas, Fulô é descrita como escrava pelo fato de ser uma mulher negra, logo começa a ser acusada de roubar objetos de sua Sinhá e passa a sofrer punições, observe: “*Cadê meu frasco de cheiro / Que teu Sinhô me mandou? / — Ah! Foi você que roubou!*”. Como prática da época dos escravos, quem desobedecessem ou fizessem algo errado eram punidos com açoites pelo feitor e é exatamente isso que ocorre: “*O Sinhô foi ver a negra / levar couro do feitor / A negra tirou a roupa / O Sinhô disse: Fulô! / (A vista se escureceu / que nem a negra Fulô)*”. Durante o castigo, o Sinhô ao ver a negra totalmente despida, fica completamente seduzido por sua beleza e, por conseguinte, começa a usar artifícios e mentiras para que a escrava fosse punida e ele pudesse usá-la como objeto sexual, prática considerada como algo comum na época da escravidão. Ele usa do seu poder de dono sobre ela e começa a violentá-la.

Nesse poema de Jorge de Lima, Fulô é descrita como mulher, negra, mucama, ladra e objeto. Infelizmente, é assim que muitas mulheres são vistas no mundo contemporâneo, lidam com um pensamento machista, o qual não apresenta progresso, pois é influenciado por ideologias, nas quais o homem é quem manda e só ele é quem tem o poder. Esta visão em relação à mulher é marcante na literatura brasileira, já que a maioria das produções literárias é escrita por homens brancos, a defender apenas sua classe, deslegitimando assim o lugar de fala dos negros e, desvalorizando a sua verdadeira imagem.

Precisamente sobre isso que Luiza Lobo declara,

Enquanto classe dominante, automaticamente eles começaram a imprimir no papel uma imagem pejorativa, destrutiva, corrosiva do escravo e posteriormente do negro livre que lhe eram inferiores socialmente. Até o proletário foi descrito de modo parodístico. [...] Criaram-se assim os estereótipos sobre os negros: um clichê aviltado, simplificado preconceituosamente (LOBO, 1993, p. 171).

A imagem pejorativa designada ao termo negro/negra tem um enorme peso de inferioridade, ao usar a palavra “*negra*” a todo o momento que se referia a Fulô, impõe-se um distanciamento social embasado pelo racismo, fato marcante para o período modernista, no qual, ao se direcionar às escravas, os envolvidos utilizavam da frase “**Essa negra Fulô!**”. Logo, percebe-se que esta linguagem empregada evidencia um discurso ideológico, pois “[...] a ideologia é um reflexo das estruturas sociais, assim, toda modificação ideológica encadeia uma modificação na língua” (BAKHTIN, 2004, p. 15).

É justamente a postura do autor e suas convicções ideológicas que mudam todo o rumo da história. No poema de Jorge Lima, a mulher é descrita como objeto. Assim:

A representação do negro como objeto agrega valores e visões forjados no âmbito da escravidão, interessados em afirmar a inferioridade dos negros ou a sua condição instintivo-propensas a submissão e/ou a violência. Tais visões ficam evidentes na caracterização de personagens negras infantilizadas ou imbecilizadas, que reproduzem a condição subalterna em que os africanos escravizados viviam na sociedade brasileira (FONSECA, 2011, p. 255).

Está agregação de valores e ideologias é perceptível no poema “*A outra nega Fulô*”, reescrito por Oliveira Silveira, a mulher passa a ser vista como sujeito. E é exatamente isso que alguns autores negros contemporâneos tentam fazer, “[...] buscar na linguagem poética o “lugar” de sujeito e não de objeto da história.” (LOBO, 1993, p. 166)

3. “OUTRA NEGA FULÔ” – OLIVEIRA SILVEIRA

Oliveira Ferreira Silveira (1941-2009), formado em letras pela UFRGS, com especialização em língua francesa. Foi um dos intelectuais afrodescendentes de maior destaque no estado onde nasceu e também em nível nacional, participando ativamente de debates, encontros e mobilizações do movimento negro. Vivia em grande inquietação em relação à situação da

população negra no Brasil, estudioso deste tema, tornou-se ativista e lutou pela inclusão do negro nos diversos espaços da sociedade.

Uma das grandes armas utilizadas por Oliveira para essa ascensão do negro foi por meio de publicações de artigos, reportagens, contos e crônicas. Fazendo uma nova construção dos negros como sujeitos históricos e não somente com a visão de seres como objeto descritos por autores brancos que pertenciam à mesma época, escrevendo no universo literário que procura aprender o negro como sujeito.

No poema “*A outra Nega Fulô*”⁹, Oliveira Silveira traz uma reescrita do poema de Jorge de Lima, “*Essa negra Fulô*”, com questionamentos que vêm a dar os primeiros passos para construção e valorização literária das mulheres negras.

O texto de Oliveira começa pelo momento clímax do de Lima: Fulô, a mulher negra do poema anterior, tem um plano para se livrar do Sinhô, finge estar conformada com toda a situação e vai para o tronco novamente, mas quando o Sinhô tenta mais uma vez abusá-la sexualmente, ela se revolta e tem atitudes completamente diferentes do primeiro poema. Cansada de sofrer as agressões que eram praticadas, a Nega Fulô acaba por revidar e agredir o Sinhô, “*A nega em vez de deitar / pegou um pau e sampou / nas guampas do sinhô*”. Nesse momento ela buscou uma forma de se proteger e se apossou de uma arma disponível naquele instante e agiu em legítima defesa.

Diante disso, o pai João, escravo que compartilhava das mesmas vivências por pertencer ao mesmo grupo étnico e social, fica admirado por tamanho ato de bravura, “*Essa nega Fulô! Esta nossa Fulô!*, dizia intimamente satisfeito o velho pai João pra escândalo do bom Jorge de Lima, seminegro e cristão”. Nesta estrofe, demarca-se o posicionamento de Fulô como protagonista de sua própria história, deixando de lado a submissão e se tornando sujeito ativo, capaz de tomar sua própria decisão diante de situações que a agrediam. Além disso, ao falar “*Esta nossa Fulô*”, é de certa forma um reconhecimento pela coragem dela em se opor à escravidão, os preconceitos e os abusos sexuais, pois neste momento, Fulô não estava representando apenas uma pessoa, mas um grupo de pessoas oprimidas e escravizadas por longo um tempo.

⁹ Poema em anexo. Cadernos Negros 11, p. 56-57.

O termo “*pai João*” é uma referência às entidades da religião africana, as quais os negros admiram e acreditam na conexão com o passado, enquanto a *nega Fulô* representa, neste contexto, milhares de acontecimentos, humilhações e abusos sexuais sofridos por elas na época da escravidão. Sendo capaz de agir e revidar, *Fulô* torna-se sujeito, sua bravura e a decisão tomada, marcam uma conquista para seus antepassados que eram impedidos de revidar a qualquer agressão sofrida.

O poema de Oliveira Silveira, a “*Outra Nega Fulô*”, com poucas palavras traz uma visão diferente dessa mulher negra, pois ela é representada como sujeito ativo e isso é um ponto positivo na história das mulheres afrodescendentes brasileiras, demonstrando a força da literatura afro-brasileira na reconstrução de um novo aspecto na identidade negra, que antes contada de forma marginalizada e negativa. Diferente do texto de Lima, que usa estratégias de exclusão, dentre as quais se destacam a tentativa de apagamento da trajetória dos negros e sua história, o que fica evidentemente estabelecido no poema, ao dar a voz somente à mulher branca como classe dominante e detentora de poder. Ao contrário, Oliveira Silveira sempre teve como uma de suas maiores preocupações retirar as mulheres negras das condições de serem objetos para serem sujeitos de suas próprias histórias.

O principal aspecto que definiria uma significativa mudança entre os estudos sobre o negro realizados no passado e os que apareceram nesta década pode ser descrito assim: o negro deixa de ser objeto para passar a sujeito da literatura e da sua própria história; deixa de ser tema (inclusive como estereótipo) para ser autor de uma visão de mundo própria. Assim, poderíamos definir literatura negra no Brasil (ou afro-brasileira) como a produção literária de descendentes de africanos que se assume ideologicamente, como tal (LOBO, 1993, p. 206).

Entende-se, que o poder que a ideologia tem sobre as questões raciais no Brasil sempre esteve diretamente ligado a um ambiente propício, pois os grupos sociais dominantes negavam a existência do racismo e da desigualdade social relacionada ao negro. A sociedade está justificada nas diversidades dos seres que a constituem, e suas representatividades fundamentam-se por meio de um processo histórico e cultural, respaldados pelas relações hierarquizadas. O indivíduo se adapta ao contexto social por ele habitado, que permite a

compreensão do mundo que o cerca, assim sendo, sua identidade entra em colapso com o novo universo inserido.

Traremos agora um terceiro texto para refletir sobre essas questões: a música “Mulheres Negras”, composição do rapper Eduardo Taddeo, interpretada pela cantora Luiza Yara Lopes Silva, mais conhecida por Yzalú, a qual representa o cotidiano de mulheres que travam batalhas diárias contra os estereótipos socialmente aceitos.

4. “MULHERES NEGRAS” – YZALÚ

Luiza Yara Lopes Silva, mais conhecida pelo seu nome artístico Yzalú, é uma cantora, compositora e intérprete brasileira. Foi pioneira ao utilizar o violão no rap no Brasil, através de releituras de clássicos do rap nacional. Ela chamou atenção ao interpretar a música Mulheres Negras (2012), composição do rapper Eduardo Taddeo, evidenciando a realidade das mulheres negras no Brasil. A música se tornou um símbolo do feminismo negro no país. Após o lançamento de Mulheres Negras, a cantora conseguiu ascender socialmente, e ter a oportunidade de narrar a sua trajetória por meio do documentário produzido por Inara Chayamiti e Mayra Maldjian e estreou no In-Edit Brasil 2018, décima edição do Festival Internacional do Documentário Musical. A exibição ocorreu na Matilha Cultural, em São Paulo, e foi seguida de um pocket show da cantora Yzalú.

A história é narrada em primeira pessoa, sob a voz da cantora e no seu lugar de fala, ela se autodenomina como mina preta da periferia, portadora de uma limitação física e reinventou o rap ao utilizar o violão como um dos seus instrumentos. Yzalú descreve sua história de acordo com suas vivências ou de pessoas próximas e que compartilham as mesmas experiências no seu cotidiano, pois a sociedade ainda tem muitas dificuldades de entender como é o dia a dia de uma mulher negra. E essa música faz isso, descreve de forma intensa os caminhos e as batalhas travadas diariamente pelas mulheres negras no Brasil na busca de espaço dentro dessa sociedade carregada de desigualdades.

No início da canção é relato um contexto histórico marcado por submissões, agressões físicas, verbais e sexuais, no qual as mulheres negras foram submetidas, resistiram e sobreviveram. Ela discorre sobre os mesmos acontecimentos apresentados no poema “Essa negra Fulô”, do autor Jorge de Lima, contendo traços que estigmatizam uma imagem negativa da mulher afro-brasileira, entretanto com a intenção de evidenciar o quanto elas lutaram e resistiram.

Na letra da música, os fortes açoites que traziam sofrimentos, nos remetem a submissão dos afazeres domésticos representados no poema de Jorge de Lima, no qual elas não tinham garantia dos seus direitos, cumprindo as obrigações sem questionar para não serem açoitadas. Contudo, em meio a tanto sofrimento causado pela dor dos maus-tratos, elas têm uma capacidade de superação e vontade de vencer, quebrando, assim, os paradigmas estabelecidos ideologicamente.

As mulheres negras que sofriam abusos sexuais, na maioria das vezes engravidavam de seus agressores, porém elas praticavam abortos para livrar seus filhos da vida árdua da escravidão ou até mesmo para não serem vendidos pelos senhores de engenho, tornando este um ato de resistência, pois mesmo que os seus “donos” não quisessem as crianças, eles usufruíam delas para fins lucrativos. A mulher negra, até os dias de hoje, ainda é malvista no contexto social, pois a ideologia racista persiste.

[...] vivendo numa sociedade estereotipada, as mulheres negras têm maior dificuldade de afirmação social - mas no plano do imaginário, literalmente, têm buscado uma posição radical para a busca da sua identidade, onde ousam mais porque já sofreram muito e entendem que já não têm mais nada a perder. As mulheres negras são pessoas agredidas não somente porque são negras e frequentemente pobres, mas também porque misturam as cores de seus sonhos nas taças de vitimização e sexismo dos homens negros (LOBO, 1993, p. 189).

O contexto da música afirma que as funções reservadas aos negros, principalmente às mulheres, são direcionadas ao serviço braçal, a empregadas domésticas, cozinheiras e objeto sexual. A negra Fulô foi escolhida exatamente por ser apresentável, logo que essas características físicas eram essenciais na escolha das mucamas. Infelizmente, esse fenômeno da figura do negro era

presente. Para a classe dominante, eles só servem para exercerem trabalhos de menor prestígio social. Não reconhecem os negros como indivíduos capazes de ocupar espaços dentro da sociedade, simplesmente por ser um país permeado por pensamentos machistas e racistas, no qual o sistema patriarcal predomina.

Na música, salienta-se a falta de oportunidade para um conjunto de mulheres que na maioria das vezes são mães solteiras, que não terminaram o ensino fundamental e trabalham como empregadas domésticas. Porém, esse perfil tem mudado, a mulher negra tem conquistado espaço nas universidades, por meio das cotas, que é uma ferramenta que visa à igualdade no ingresso no ensino superior, apossando-se deste espaço como mulher, negra, possuidora de direitos como qualquer outra pessoa, combatendo todas as formas de preconceito. Contudo, sabemos que ainda existe uma triste realidade, novos meios de aprisionamento e muitas mulheres se tornam vítimas nesse abismo social, por falta de conhecimento ou até mesmo de oportunidade.

As mulheres negras, nesse momento, começavam, em quantidade, a entrar nas universidades, acessando a produção cultural: cinema, literatura, teatro, diferentemente das gerações anteriores, que tinham mais dificuldades de ingressar num curso superior e acessar os bens culturais pertencentes a esse universo.

As conquistas aqui detalhadas nos permitem evidenciar outras possibilidades de representação da mulher negra, pois Fulô representa, hoje, todas as mulheres negras que ocupam as universidades, que se tornaram médicas, advogadas, dentre tantas outras profissões, mães solteiras, que continuam lutando por dias melhores.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para quebrar os paradigmas da desigualdade social, é preciso legitimar os espaços que outrora não eram frequentados e conquistar os direitos pela educação de qualidade, incluindo cada vez mais em locais como a universidade, dado que esses espaços foram projetados para um público seleto de pessoas e os negros não faziam parte desse projeto. Participar de diferentes lugares, os quais sempre foram negados, deste modo, libertando-os das amarras da

sociedade, transformando a luta em vitória, onde o preconceito ideologicamente impregnado dificulta a ascensão em todos os aspectos, abarcando socialmente a vida do negro, mas, está sobredito, o sofrimento os condicionou a serem mais fortes, enquanto as desigualdades sociais insistem em apagá-los, tornando um processo de batalhas diárias.

A palavra "Negra" utilizada por Jorge de Lima demonstra um distanciamento da vida do autor em comparação à personagem. Isso ocorre por causa do conhecimento de mundo dele, com parâmetro embasado no eurocentrismo, já que, sendo mulato, parte de sua família era branca. Afirmativa que pode ser comprovada na passagem do poema em que Oliveira Silveira faz menção a de Jorge de Lima: "... para escândalo do bom Jorge de Lima seminegro e cristão", expondo então, em seu discurso escrito no poema, o apagamento de sua ancestralidade e apontando ações ideológicas e religiosas pertencentes intrinsecamente em Jorge de Lima.

Há ainda uma síntese que engloba os dois objetos de pesquisa na letra da música e suas perspectivas numa proposta intertextual, demonstrando que o resultado do sofrimento é transformado em força para continuar lutando contra as dificuldades cotidianas, como, por exemplo, se opor, enquanto mulheres negras, aos termos pejorativos e à hipersexualização dos seus corpos e manifestar suas raízes por meio da cultura, evidenciando as características físicas da negra como modelo de beleza, fugindo dos padrões ditatoriais impostos pela sociedade branca e elitizada.

A escolha dessa música para descrição da realidade do mundo negro é perceptível, pois consegue transpassar justamente a batalha que precede a vitória a ser alcançada, mesmo sabendo que essa guerra perdure por muito tempo.

Fruto da resistência negra desde o período da casa-grande, nos cultos de umbanda e candomblé, na tradição ágrafa africana, a música está presente em toda produção negra, no amplo sentido do termo grego, poesias - produção poética em geral: no samba, no jazz, na bossa nova, no "folclore", atualmente no reggae, na poesia oral do contador, por vezes registrada sob a forma de cordel, bem como na produção poética literária (LOBO, 1993, p. 216-217).

Exibir este texto com tanta propriedade é demonstrar que as formas de apagamento dos traços físicos e morais dos negros, o empenho para o absolutismo de beleza ideal, a negação do seu corpo, dos seus cabelos para serem aceitas na sociedade ditatorial é em si uma forma de preconceito e opressão. Servindo, assim, para lembrar a todos que a luta foi grande até alcançar o reconhecimento e, por isso, é preciso se posicionar perante a sociedade de forma a valorizar a identidade afrodescendente.

Em suma, é de notória relevância a pesquisa aqui exposta, pois as obras aqui analisadas vão desde o período modernista até a atualidade, mantendo a mesma temática apesar de se tratar das desigualdades étnicas e sociais das mulheres negras, nos levando a crer que o preconceito, o racismo, o machismo vão muito além dos anos que distanciam uma obra da outra, estabelecendo uma relação enriquecedora para os estudos vindouros com os mesmos critérios de análise deste artigo.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

CADERNOS NEGROS. **Contos e poemas**. Vol. 31. São Paulo: Quilombhoje; Ed. dos Autores.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução: Joice Elias Costa. 3ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Literatura negra: os sentidos e as ramificações. In: DUARTE, Eduardo de Assis (org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica. Belo Horizonte: UFMG, v. 4, 2011.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LIMA, Jorge de. Essa Nega Fulô. **Jornal da Poesia**. Disponível: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/jorge.html>. Acesso: 10 out. 2018.

LOBO, Luiza. **Crítica sem juízo**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

ANEXO A – Essa Negra Fulô – Jorge de Lima

Ora, se deu que chegou
(isso já faz muito tempo)
no bangüê dum meu avô
uma negra bonitinha,
chamada negra Fulô.

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!

Ó Fulô! Ó Fulô!
(Era a fala da Sinhá)
— Vai forrar a minha
cama
pentear os meus
cabelos,
vem ajudar a tirar
a minha roupa, Fulô!

Essa negra Fulô!

Essa negrinha Fulô!
ficou logo pra mucama
pra vigiar a Sinhá,
pra engomar pro Sinhô!

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!

Ó Fulô! Ó Fulô!
(Era a fala da Sinhá)
vem me ajudar, ó Fulô,
vem abanar o meu
corpo
que eu estou suada,
Fulô!
vem coçar minha
coceira,
vem me catar cafuné,
vem balançar minha
rede,
vem me contar uma
história,
que eu estou com sono,
Fulô!

Essa negra Fulô!

"Era um dia uma
princesa
que vivia num castelo
que possuía um vestido
com os peixinhos do
mar.

Entrou na perna dum
pato
saiu na perna dum pinto
o Rei-Sinhô me mandou
que vos contasse mais
cinco".

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!

Ó Fulô! Ó Fulô!
Vai botar para dormir
esses meninos, Fulô!
"minha mãe me penteou
minha madrastra me
enterrou
pelos figos da figueira
que o Sabiá beliscou".

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!

Ó Fulô! Ó Fulô!
(Era a fala da Sinhá
Chamando a negra
Fulô!)
Cadê meu frasco de
cheiro
Que teu Sinhô me
mandou?
— Ah! Foi você que
roubou!
Ah! Foi você que
roubou!

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!

O Sinhô foi ver a negra
levar couro do feitor.
A negra tirou a roupa,
O Sinhô disse: Fulô!
(A vista se escureceu
que nem a negra Fulô).

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!

Ó Fulô! Ó Fulô!
Cadê meu lenço de
rendas,
Cadê meu cinto, meu
broche,
Cadê o meu terço de
ouro
que teu Sinhô me
mandou?
Ah! foi você que roubou!
Ah! foi você que roubou!

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!

O Sinhô foi açoiatar
sozinho a negra Fulô.
A negra tirou a saia
e tirou o cabeçãõ,
de dentro dêle pulou
nuinha a negra Fulô.

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!

Ó Fulô! Ó Fulô!
Cadê, cadê teu Sinhô
que Nosso Senhor me
mandou?
Ah! Foi você que
roubou,
foi você, negra fulô?

Essa negra Fulô!

ANEXO B – Outra Negra Fulô – Oliveira Silveira

O sinhô foi açoitar
a outra nega Fulô
– ou será que era a mesma?
A nega tirou a saia,
a blusa e se pelou.
O sinhô ficou tarado,
largou o relho e se engraçou.
A nega em vez de deitar
pegou um pau e sampou
nas guampas do sinhô.
– Essa nega Fulô!
Esta nossa Fulô!,
dizia intimamente satisfeito
o velho pai João
pra escândalo do bom Jorge de Lima,
seminegro e cristão.
E a mãe-preta chegou bem cretina
fingindo uma dor no coração.
– Fulô! Fulô! Ó Fulô!
A sinhá burra e besta perguntou
onde é que tava o sinhô
que o diabo lhe mandou.
– Ah, foi você que matou!
– É sim, fui eu que matou –
disse bem longe a Fulô
pro seu nego, que levou
ela pro mato, e com ele
aí sim ela deitou.
Essa nega Fulô!
Esta nossa Fulô!

ANEXO C – Mulheres Negra – Izalú

Enquanto o couro do chicote
cortava a carne / A dor
metabolizada fortificava o caráter /
A colônia produziu muito mais que
cativos / Fez heroínas que pra não
gerar escravos, matavam os filhos
/ Não fomos vencidas pela
anulação social / Sobrevivemos à
ausência na novela, no comercial /
O sistema pode até me
transformar em empregada / Mas
não pode me fazer raciocinar
como criada / Enquanto mulheres
convencionais lutam contra o
machismo / As negras duelam pra
vencer o machismo, o preconceito,
o racismo / Lutam pra reverter o
processo de aniquilação / Que
encarcera afrodescendentes em
cubículos na prisão / Não existe lei
maria da penha que nos proteja /
Da violência de nos submeter aos
cargos de limpeza / De ler nos
banheiros das faculdades
hitleristas / Fora macacos cotistas
Pelo processo branqueador não
sou a beleza padrão / Mas na lei
dos justos sou a personificação da
determinação / Navios negreiros e
apelidos dados pelo escravizador /
Falharam na missão de me dar
complexo de inferior / Não sou a
subalterna que o senhorio crê que
construiu / Meu lugar não é nos
calvários do Brasil / Se um dia eu
tiver que me alistar no tráfico do
morro / É porque a lei áurea não
passa de um texto morto / Não
precisa se esconder, segurança /
Sei que cê tá me seguindo, pela
minha feição, minha trança / Sei

que no seu curso de protetor de
dono praia / Ensinaaram que as
negras saem do mercado com
produtos embaixo da saia / Não
quero um pote de manteiga ou de
xampu / Quero frear o maquinário
que me dá rodo e uru / Fazer o
meu povo entender que é
inadmissível / Se contentar com as
bolsas estudantis do péssimo
ensino / Cansei de ver a minha
gente nas estatísticas / Das mães
solteiras, detentas, diaristas / O
aço das novas correntes não
aprisiona minha mente / Não me
compra e não me faz mostrar os
dentes / Mulher negra não se
acostume com termo depreciativo /
Não é melhor ter cabelo liso, nariz
fino / Nossos traços faciais são
como letras de um documento /
Que mantém vivo o maior crime de
todos os tempos / Fique de pé
pelos que no mar foram jogados /
Pelos corpos que nos pelourinhos
foram descarnados / Não deixe
que te façam pensar que o nosso
papel na pátria / É atrair gringo
turista interpretando mulata /
Podem pagar menos pelos
mesmos serviços / Atacar nossas
religiões, acusar de feitiços /
Menosprezar a nossa contribuição
na cultura brasileira / Mas não
podem arrancar o orgulho de
nossa pele negra / Mulheres
negras são como mantas kevlar /
Preparadas pela vida para
suportar / O racismo, os tiros, o
eurocentrismo / Abalam mais não
deixam nossos neurônios cativos